

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	6.º ANNO—VOLUME VI—N.º 175	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6250	\$120	1 DE NOVEMBRO 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca)	15\$000	7\$500	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Se o OCCIDENTE fizesse politica tinhamos hoje assumpto para uma chronica enorme e brilhante, quer trovejassemos indignações, caracterizando d'amor da patria a lagrima pelo poder que foge, se fossemos opposição, quer entoassemos hossannas e cantos triumphaes ao ver aproximar a sardinha da brasa, se fossemos governamentaes.

Mas o OCCIDENTE não é um jornal politico, graças a Deus; não temos paixões partidarias, e por isso não somos forçados a chorar ou a alegrar-nos com ellas, não temos que obedecer a vozes de commando, estamos completamente senhores da nossa opinião, e da nossa imparcialidade: não somos comparsas do espectáculo politico, somos simplesmente espectador, e como tal temos, completamente livre de peias, a nossa liberdade de critica.

E por isso que a nossa attitude em frente do ministerio agora reconstruido não tem de se pautar pelos compromissos de partidos, nem de se dobrar ás ordens de chefes, é por isso que alheios completamente ás intrigas da politica, ás ambições pessoais e partidarias, não vamos procurar nos ministros novos a sua côr politica, a ver se matisam bem com o resto do ministerio antigo, ou se afinam com a côr da nossa bandeira, vamos procurar n'esses ministros, novos chamados agora aos conselhos da corôa, o seu valor pessoal, a capacidade das suas intelligencias, o merecimento dos seus nomes.

E sob este ponto de vista perfeitamente pessoal e imparcialissimo, por este prisma completamente alheio a paixões, a ambições e a interesses, temos que confessar que nos agradou immenso o advento no poder d'esses quatro homens, que são negavelmente pelo seu talento, pela sua illustração, pela sua capacidade, quatro dos mais notaveis homens do nosso paiz: — Barjona de Freitas, Pinheiro Chagas, Antonio Augusto de Aguiar e Lopo Vaz.

Não sabemos se este ministerio durará muito, não sabemos o que elle fará, mas o que sabemos, e com isso nos alegramos, é que ha muitos annos não se encontram reunidos n'um ministerio tantas illustrações notaveis, tantos homens realmente superiores como no ministerio actual.

Este é o facto de hoje. Que esses homens podem e devem fazer um excellente governo pelas suas capacidades, pelas suas aptidões e pela boa vontade, de que temos obrigação de os julgar animados, em quanto os factos não provarem o contrario, é evidente para todo o paiz que os conhece

bem, para nós que conhecemos muito de perto alguns d'elles.

Fal-o-hão?

O futuro o dirá; nós, que não somos politicos, mas que acima de tudo temos fé no talento, no saber e na vontade, acreditamos que sim.

E se nos enganarmos será isso terrivelmente desconsolador para o paiz, porque não tem muitos mais homens á altura d'estes, que deem esperanças de triumphar onde estes succubirem.

A solução da crise politica que por muitos dias teve em sobresalto as atenções do publico, levantou d'um lado violentas censuras, e d'outro ruidosos enthusiasmos.

Não temos nada que vêr com isso.

Dentro dos limites acanhados da nossa mesquinha politica em que o interesse do paiz é sempre esmagado debaixo dos interesses pessoais, essas aggressões indignadas e essas adhesões fervorosas são a musica habitual que acompanha sempre a marcha do movimento politico portuguez.

O paiz conhece bem já essas duas philarmonicas eternas que lhe atordoam os ouvidos com as suas musicas sempre desafinadas, e sabe perfeitamente já a importancia que deve ligar ao fusilar da indignação d'uns, e ao foguetorio da alegria dos outros.

E por isso a sua opinião não se faz pelos pamphletos opposicionistas nem pelos hossannas ministeriaes: quem a faz são os actos do governo. Esperemos, portanto, por esses actos.

Para não addiarmos mais uma vez ainda, um assumpto que anda já retardado ha duas ou tres chronicas, vamos, antes de mais nada fallar do estudo historico do sr. Francisco da Fonseca Benevides, que tem por titulo — *O Real theatro de S. Carlos*, desde a sua fundação em 1793 até á actualidade.

É um enorme livro de 450 paginas, in-folio, esse livro que compendia toda a historia do nosso theatro lyrico, até hoje dispersa pelos jornaes e pelos archivos.

Foi um grande e laborioso trabalho de investigação o do sr. Benevides, que além de um professor de sciencias dos mais distinctos, é um dos amadores de musica mais notaveis de Portugal, um *dillettante pur-sang*.

O livro do sr. Benevides começa pelas origens da opera lyrica em Portugal, pelos triumphos da celebre Zamperini, acompanha o theatro de S. Carlos desde a collocação da primeira pedra em 8 de dezembro de 1792, até ao fim da epoca de 1882 a 1883, dia a dia, com a relação numerosa de todos os artistas que n'elle cantaram desde os sopranistas, entre os quaes avultou o celebre Crescentini até ás noites gloriosas de Gayarre, com a nomenclatura interessantissima de todas as operas exhibidas desde *La Ballerina amante* de Cimarosa, até o *Lohengrin* de Wagner, com a noticia de todos os enthusiasmos, de todas as grandes luctas lyricas e entre ellas das verdadeiras batalhas dos partidarios da Barili e da Boccabadati, até ás recentes escaramuças dos Pasquistas e De-Reszkistas.

Veem já o interesse que tem o livro do sr. Benevides, interesse elegante de curiosidade para os *dillettanti*, interesse sério de historia e de investigação para os eruditos.



D. JOSÉ DIAS CORRÊA DE CARVALHO, BISPO DE VIZEU

(Segundo uma photographia de Camacho)

Não é fácil n'um livro d'esta ordem estar a citar quaes as notas mais curiosas. Todas ellas o são e a começar pela resenha minuciosa da edificação do theatro de S. Carlos, que se fez com uma rapidez extraordinaria, em 6 mezes apenas, e cujas obras importaram em 165:845,710 réis.

A historia do *real theatro de S. Carlos* insere tambem na integra documentos muito valiosos, e publica um grande numero de retratos dos mais notaveis artistas lyricos que tem vindo a Lisboa, como por exemplo o do celebre Crescentini, da Catalani, da Gafforini, da Sicard, de Boccabadati, Stoltz, Alboni, Tedesco, Rey Balla, Fricci, Sass, Cepeda, Biancolini, Borghi-Mamo, Turolla, De Reszké, Pasqua, — notando-se entre tanto n'essa galeria a falta muito sensivel, de tres notabilissimas cantoras, já do nosso tempo, e que grande successo tiveram em Lisboa, a Volpini, a Ortolani e a Donadio; publica retratos de Marcos de Portugal, do intendente Manique, do Conde de Farrobo, do Saint Leon, do Tamberlick, do Listk, Valdez, Cossul, Mongini, Bolis, Gayarre, Aldeghieri, etc., etc.

O valioso livro do sr. Benevides termina com uma noticia curiosa sobre as dimensões da scena e da sala dos principaes theatros lyricos do mundo, das Operas de Berlin, de Barcelona, do Cairo, de Florença, de Genova, de Hamburgo, de Londres, de Madrid, de Messina, de Milão, de Moscova, de Munich, de Napoles, de New-York, de Paris, da Philadelphia, de S. Petersburgo, de Stockolmo, de Stuttgart, de Turim, de Varsovia, de Veneza, e de Vienna.

Realizou-se no tribunal da Boa-Hora o julgamento do Marcelino Carneiro, accusado de ter roubado 40 contos fracos á caixa hypothecaria da Bahia, com uma letra falsificada, e de ter de dentro do Limoeiro, onde está prezo ha oito annos, escripto umas cartas a uns hespanhoes, procurando extorquir-lhes 30 libras por meio de ameaças.

Tem sido já com esta tres vezes julgado pelo primeiro crime o tal Marcelino Carneiro. Da primeira vez o jury deu o crime por não provado, mas o juiz annullou por iniqua a decisão do jury.

No segundo julgamento, o crime foi dado por provado e o reu sentenciado a 4 annos de degredo; mas o supremo tribunal annullou o processo por irregularidades.

No terceiro julgamento, que se realizou agora, e que durou tres dias 25, 26 e 27, o jury deu novamente por não provados os crimes de que é accusado Marcelino Carneiro, e novamente o juiz presidente do tribunal annullou a decisão do jury.

Marcelino Carneiro foi aquelle prezo que ha mezes, indo da Boa-Hora para o Limoeiro, convidou o seu guarda a ir jantar com elle a casa de uma senhora muito conhecida em Lisboa pela sua musa revolucionaria, e d'ahi, no meio do jantar, se safou habilmente deixando o guarda entre o cosido e o arroz, á espera eternamente do assado e do seu prisioneiro.

Esta fuga de opera comica, foi apimentada com umas cartas que dos seus esconderijos Marcellino Carneiro escreveu para os jornaes, fazendo considerações a respeito da demora do seu julgamento, promettendo apresentar-se logo que para esse julgamento estivesse marcado dia, e narrando picarescamente os ardis de caracterização com que fugia á perseguição da justiça, e com que illudia os policias que andavam em sua busca.

Esta novidade de genero dos presos de Lisboa, este pequenino Latude faceto e philosophico, fez com que o seu julgamento despertasse um interesse que no fim de contas a causa não merecia, e a pequena sala do 1.º districto criminal viu-se apinhada d'espectadores, e teve durante tres dias á porta uma longa *queue* de curiosos desapontados, que enchia completamente o pateo interior da Boa Hora.

Essa curiosidade, e a de ouvir o advogado de defeza do reu, que era o grande jurisculto, o conselheiro Dias Ferreira foi quem tambem lá nos levou.

E não demos por perdido o nosso tempo, porque se no fim de contas Marcellino Carneiro é um reu vulgar, tendo apenas mais do que a maioria dos reus uma grande dose de petulancia, de desembaraço, e de semceremonia, a oração do sr. Dias Ferreira foi uma das mais notaveis, brilhantes e habeis, que temos ouvido no fóro criminal portuguez.

Marcellino Carneiro é um homem magro, secco, de pescoço alto e esgalgado, pescoço de cygne, cara redonda cheia de rugas, testa com amplas entradas, bigode castanho falho, olhos pequenos, vivos e ladinos.

Tem todos os ares d'um espertalhão, e as suas respostas ao interrogatorio do juiz foram petulantés, rapidas, promovendo por vezes a hilaridade

no tribunal, e por outras admoestações do juiz presidente.

A accusação do Ministerio publico foi sustentada com energia pelo sr. Augusto de Barros e Sá; a defeza foi feita pelo sr. Dias Ferreira, com um tacto e uma destreza realmente exceptionaes.

O jury, como já dissemos, deu por não provados os crimes de que accusavam o reu, e o juiz annullou essa decisão do jury, annullação de que agrava a defeza, esperando com bons fundamentos, parece-nos, que os tribunales superiores impoirão ao juiz o *verdictum* do jury, visto esse *verdictum* absolutorio ter sido já dado por iniquo uma vez na mesma causa.

Temos muitas novidades theatraes, muito mais novidades que espaço.

No theatro de S. Carlos houve duas operas novas, acompanhadas de dois *debutes*: os *Huguenotes* para estreia do baixo Rapp, e o *Trovador* para estreia do tenor Paspechi. O baixo Rapp e os *Huguenotes* agradaram sem extraordinario entusiasmo, o tenor Paspechi e o *Trovador* cahiram com ruidoso fiasco.

No theatro do Gymnasio subiram á scena duas pecas novas em beneficio do actor Diniz, a *Pesca Milagrosa* e a *Manha de Arthur*. Ambas agradaram, distinguindo-se na primeira o actor Montedonio e na segunda o actor Valle e a actriz Barbara, e debutando n'ellas, n'aquelle theatro, a intelligente e formosa actriz Maria Carolina Pereira.

No theatro dos Recreios appareceu depois da sua viagem triumphal a Madrid, a grande actriz Lucinda Simões, e Furtado Coelho.

Intrigas mesquinhas de bastidores promoveram uma pateada a estes dois distinctos artistas, pateada que só serviu para que Lucinda e Furtado tivessem entusiastica ovação, e para comprometter o nome d'um artista illustre, que os pateantes invocavam como grito de guerra, mas que com toda a certeza foi completamente alheio a essa desgraçada cooperação.

E finalmente no Colyseu começaram as recitas da companhia de cavallinhos, recitas que são um prejuizo enorme para as artes nacionaes.

E não terminaremos a chronica d'hoje sem darmos a noticia d'uma publicação importantissima que vae começar a fazer-se em Lisboa, o que é um grande serviço litterario prestado ao nosso paiz.

Correm já prospectos do novo semanario que com o titulo de *Gabinete de leitura* a empresa editora Caetano Alberto & Faro, vae começar a publicar em dezembro proximo.

O *Gabinete de leitura* publica simultaneamente tres romances e um conto, romances e conto escolhidos entre as obras primas do genero, não só da nossa litteratura e das litteraturas franceza e hespanhola, as mais conhecidas entre nós, mas tambem e principalmente das poderosas e riquissimas litteraturas ingleza, allemã, sueca, dinamarqueza, polaca, italiana, americana, brazileira, etc., d'essas fortes e vigorosas litteraturas que são completamente desconhecidas no nosso paiz.

É bem visivel o grande alcance litterario da nova publicação, realçado pelo alcance de propaganda verdadeiramente popular, attentos os preços excessivamente modicos d'essa publicação que além do seu valor litterario tem o valor artistico de ser illustrada cuidadosamente com desenhos de Manuel Macedo, gravados por Caetano Alberto.

Cada folha semanal contendo tres romances, um conto, duas gravuras, e uma variadissima e utilissima secção de noticias, medicina caseira, hygiene, jardinagem, receitas de cosinha, anedotas, jogos, problemas, etc., custa apenas 50 réis.

É facilimo prognosticar-lhe um grande successo.

Gervasio Lobato.

O BISPO DE VIZEU

A vida dos guerreiros notaveis, dos grandes reformadores, dos grandes engenheiros que engrandecem e illustram a patria com as suas conquistas, com as suas leis salutaes, e com os seus grandes inventos, não é mais digna de veneração e respeito dos povos, do que a vida modesta dos que tem a seu cargo a sua direcção moral e religiosa, que não é o fanatismo nem a rebelião contra as leis civis, mas os conselhos prudentes e reflectidos para a pratica do bem geral.

Se a sua missão não é estrepitosa como a dos generaes victoriosos, nem saudada com entusiasmo como a dos grandes patriotas reformadores; os seus serviços, quando bem comprehendidos e encaminhados, dão resultados taes para o bem

geral da Sociedade, que a patria lhes deve ser agradecida e inscrever os seus nomes no grande livro dos seus benemeritos e escolhidos.

As leis da igreja são perfeitamente compatíveis com as leis da Sociedade civil, quando é bem comprehendido o espirito de umas e outras.

A religião que tem por dogma a caridade e o perdão das injurias, não é antinómica com os preceitos da legislação moderna, que se encaminham á liberdade e á fraternidade dos povos devendo umas e outras completar o seu progresso e bem estar.

Não vimos hoje escrever a biographia d'um d'esses ornamentos da Igreja Lusitana. Fallecemos para isso os elementos precisos. Quando os tivéssemos não iriamos offender a reconhecida modestia do bondoso varão, que nos honra com a sua amizade, patenteando ao respeito e admiração dos nossos leitores, todos os factos que o ennobrecem, e lhe engrandam a sua carreira publica com virtudes e qualidades que dão uma feição nobilissima á sua respeitavel individualidade.

Assentado, por tanto, que não vimos escrever a biographia do sr. Bispo de Vizeu, vamos apenas acompanhar a sua photographia com uns ligeiros apontamentos que dão uma ideia do que tem sido e o que vale o prelado que a Diocese de Vizeu vai ter por pastor, e o que esta tem a esperar da sua benéfica administração ecclesiastica.

Parte dos apontamentos que aqui vamos consignar n'este desprezicioso trabalho, encontrámo-nos na *Histoire Générale des hommes du XIX Siècle, vivants ou morts, de toutes les nations*.

O Sr. D. José Dias Corrêa de Carvalho, Bispo de Vizeu, filho do sr. Antonio Dias de Carvalho e da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Engracia Corrêa de Carvalho, nasceu em 30 de dezembro de 1830 na antiga Villa de Canellas, hoje concelho e comarca de Pezo da Regua.

Seguiu os estudos para a vida ecclesiastica na cidade do Porto.

Logo depois de haver recebido a ordem de Presbytero, foi em 1854 cursar a Universidade de Coimbra aonde conseguiu a formatura em Theologia em 22 de junho de 1860, e a formatura em Direito em 23 de junho de 1862, obtendo durante a frequencia das sobreditas faculdades algumas distincções academicas, além de boas informações em costumes e litteratura.

Apenas deixou os bancos da Universidade, foi para o bispado de Beja reger, em outubro de 1862 uma cadeira de sciencias ecclesiasticas, vaga no respectivo curso.

Exerceu por algum tempo o lugar de promotor no dito bispado, e foi nomeado vigario pro-capitular do mesmo em fevereiro de 1865, logar que exerceu simultaneamente com a regencia da cadeira de direito canonico até junho de 1871.

Por decreto de 13 de março de 1871 foi apresentado bispo na igreja cathedral de Cabo-Verde, e confirmado na dita igreja por Letras Apostolicas de 6 de julho do referido anno.

Foi sagrado no templo de Santa Justa em Lisboa em 3 de setembro do sobredito anno.

Tomou posse do bispado por procuração e partiu para a sua diocese em 5 de janeiro de 1872, aonde se conservou quasi oito annos completos sem vir ao reino.

Encontrou graves dissidencias entre alguns membros do seu cabido, a que, pelos meios mais prudentes e conciliatorios, poz logo termo.

Melhorou os estudos, a disciplina e as condições economicas do seu Seminario, e sustentou com firmeza a sua conservação, no meio de graves e insistentes resistencias que conseguiu vencer.

Fez a visita pastoral ás nove ilhas habitadas do archipelago: — S. Thiago, Fogo, Brava, Maia, S. Vicente, Santo Antão, Sal, Boa Vista e S. Nicolau.

Foi o primeiro prelado que conseguiu visitar todas as igrejas do Archipelago, no meio dos mais penosos incommodos e difficuldades por mar e por terra.

Durante a visita, além d'outros serviços proprios das visitas pastorales, a que se não poupou, promoveu centenas de matrimonios entre individuos que viviam em publico e escandaloso concubinato, proporcionando para isso tudo que estava em suas attribuições, e poupando ás partes trabalhos e despesas que, para muitos, senão para a maior parte, seriam motivo para continuarem em tão desgraçado viver.

Promoveu o distincto prelado a regular observancia da lei que regula o registro parochial na provincia, lei que tendo sido publicada cinco annos antes da sua chegada á diocese, era letra morta pela sua completa inobservancia.

Conseguiu do governo, depois de insistentes esforços, que aos parochos pobres do seu bispado lhes fosse augmentada a congrua que recebiam, tão

diminuta que de modo algum podia garantir-lhes decente sustentação.

Promoveu a regularidade e esplendor do culto religioso na sua cathedral, e dirigiu ao clero e fiéis do seu bispado diversas pastoraes, no intuito da observancia regular dos seus deveres.

Com a saude arruinada pelas fadigas pastoraes, agravadas pelos trabalhos da visita a todas as ilhas do Archipelago, onde recebeu sempre as mais evidentes provas d'affecto e sympathia, regressou ao reino para tratar-se, e aqui continuou a occupar-se do seu rebanho, advogando e requerendo perante o governo de Sua Magestade tudo quanto lhe pareceu justo em favor da sua diocese, e quanto lhe era indicado pelas exigencias e necessidades da sua administração pastoral.

Indicado para a diocese de Portalegre, e seguidamente para o patriarchado de Lisboa, quando se tratou de prover as dioceses vagas, foi afinal transferido o illustre prelado para a diocese de Vizeu, uma das mais importantes do reino.

Tendo tomado posse do seu bispado em principios de setembro, s. ex.^a rev.^{ma} partiu para alli no dia 18 do corrente, tendo feito a entrada solenne na sua Sé no dia 24 d'este mesmo mez.

Eis o que é, a traços largos, o bispo de Vizeu. Nada mais acrescentaremos senão que as qualidades da sua alma realçam os dotes do seu espirito sempre recto, benevolo e justiceiro. Se a sua benevolencia attrahe e prende os que com elle privam, a sua caridade e a sua tolerancia e animo bondoso consolam e suavizam os que a elle recorrem.

A diocese de Vizeu que vae ter a fortuna de o ter á frente da sua administração religiosa, pôde, decerto, ufanar-se de o contar no numero dos prelados mais dignos e exemplares.

Lisboa, 22 de outubro de 1883.

André Meyrelles de Tavora.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS NOVOS MINISTROS

MINISTRO DO REINO, Augusto Cesar Barjona de Freitas. — Nasceu em Coimbra em 13 de janeiro de 1834, e é filho de Justino Antonio de Freitas, que foi lente da Universidade e deputado ás côrtes.

Depois de ter sido um dos mais distinctos estudantes da Universidade, tomou capello, e concorreu a uma cadeira da mesma Universidade, sendo nomeado lente, logar que exerceu com uma distincção notabilissima, legendaria em Coimbra.

Em 1864 entrou na vida politica. Eleito deputado por Coimbra tornou-se logo notavel na camara pela sua eloquencia facil, brilhante e profundamente moderna.

Em 4 de setembro de 1865 o sr. Barjona de Freitas entrou pela primeira vez nas eminiças do poder sendo nomeado ministro da justiça, no gabinete que substituiu o ministerio do marquez de Sá.

Esse gabinete cahiu pela janeirinha, e em setembro de 1871 o sr. Barjona de Freitas entrou novamente para o ministerio, para a pasta da justiça, cargo que exerceu até novembro de 1876.

O sr. Barjona de Freitas tem o seu nome ligado á abolição da pena de morte, á lei da liberdade d'imprensa, á promulgação do codigo civil portuguez, etc.

O sr. Barjona de Freitas é par do reino, conselheiro d'estado effectivo, e conselheiro do Tribunal de contas.

Foi nomeado ministro do reino por decreto de 24 d'outubro ultimo, em substituição do sr. Thomaz Ribeiro.

MINISTRO DA JUSTIÇA, Lopo Vaz de Sampaio e Mello. — Nasceu em 29 de setembro de 1849, na sua quinta de Gouvinhos no concelho de Sabrosa, districto de Villa Real. Coursou a Universidade de Coimbra, e em 1870, quando só lhe faltava um anno para o doutoramento foi eleito deputado ás camaras.

Em toda a sua vida politica dedicou de preferencia os seus estudos ás sciencias economicas.

Em 1873 o sr. Lopo Vaz foi nomeado director geral da instrucção publica, e pouco depois director geral das alfandegas e contribuições indirectas.

Em março de 1881 foi nomeado ministro da fazenda no gabinete presidido pelo conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio.

Pouco tempo porém o estado de saude do

sr. Lopo Vaz lhe permittiu dirigir os negocios da fazenda, e retirou-se do ministerio. Foi agora novamente chamado aos conselhos da corôa a gerir a pasta da justiça, de que pediu a sua exoneração o sr. conselheiro Julio de Vilhena.

MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS, Antonio Augusto d'Aguiar — Professor de chimica na escola polytechnica aos 23 annos, o sr. Antonio Augusto d'Aguiar, é um dos mais eminentes homens de sciencia do nosso paiz.

Filho d'um honrado commerciante da baixa, o sr. Aguiar proprietario da confeitaria do Rocio, Antonio Augusto d'Aguiar nasceu em Lisboa em 1838.

Em 1868 foi nomeado para examinar os principaes centros vinhateiros do paiz e de estudar a fabricação do vinho. Em 1874 foi nomeado commissario regio da exposiçào de vinhos portuguezes em Londres; no anno immediato foi escolhido para ir á India ingleza regular o tratado entre Portugal e a Inglaterra, em 1881 foi nomeado para proceder á commissào d'inquerito industrial.

Em 1879, o sr. Aguiar filiado no partido constituinte foi pela primeira vez eleito deputado, pelos circulos de Arganil e Idanha-a-Nova.

Em janeiro de 1881 foi elevado ao pariato e ultimamente foi escolhido por El-Rei para dirigir a viagem de sua alteza o principe real, viagem em que anda ainda.

O sr. Aguiar é socio effectivo da academia das sciencias, de muitas academias estrangeiras, é um orador muito distincto e uma das maiores capacidades do nosso paiz.

Foi nomeado ministro das obras publicas por decreto de 24 d'outubro ultimo, por ter passado para a pasta da fazenda o ministro das obras publicas o sr. Hintze Ribeiro.

Enquanto o sr. Aguiar não regressa ao reino ficou o sr. Hintze encarregado de gerir interinamente a pasta das obras publicas.

MINISTRO DA MARINHA E ULTRAMAR, Manuel Pinheiro Chagas — Um dos mais eminentes homens do nosso paiz, o orador mais glorioso do parlamento portuguez, e que ainda ha pouco alcançou em Madrid, ao lado de Moret um grande triumpho oratorio.

Tem 41 annos; nasceu em Lisboa em 13 de novembro de 1842, e o seu talento excepcional tem-se affirmado brilhantemente, no jornalismo, no theatro, na litteratura, na historia, na politica e no parlamento.

Pela 1.^a vez eleito deputado pela Covilhã em 1871, tem sido sempre deputado — excepto durante um curto praso de 6 mezes, em que perdeu a sua candidatura guerreada violentamente pelo governo progressista. Os seus triumphos parlamentares tem feito sensação no paiz, e quando se annuncia que Pinheiro Chagas falla, enchem-se completamente as galerias.

Pinheiro Chagas é socio effectivo da Academia Real das Sciencias, professor de litteraturas classicas no curso superior de letras, e director politico do orgão constituinte *Diario da Manhã*.

É um dos homens mais notaveis do nosso tempo, e de ha muito que andava indigitado para ministro pela opinião publica. Convidado varias vezes para entrar em varias ministerios, recusou sempre até hoje, que finalmente accitou a pasta da marinha, passando o sr. Bocage para a dos estrangeiros.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSSICH

Houve um tempo, ha trinta annos pouco mais ou menos, que este nome andava na bocca de todos os que se occupavam das letras. Uns profiriam-n'o com desdem nas suas conversas particulares, outros com alguma admiração, alguns com sympathia, mas este facto, com relação a uma senhora que escrevia para os periodicos, que falava ou recitava nas assembléas, que se apresentava sem recommendação, onde intendesse que lhe era mister ir, mostrava que a pessoa de quem se faltava tinha incontestavel merecimento.

Não se podia dizer uma mulher bella, mas instruida, de rara energia, espirituosa, e desembaraçada no seu porte, fazia com que todos se lhe approximassem, e alguns subjugados por aquelle aspecto varonil e perfeitamente senhor de si.

Era D. Antonia Gertrudes Pussich filha do chefe de esquadra Antonio Pussich, natural de Ragusa, mas ao serviço de Portugal desde 1793, e que, durante o periodo agitado em que se alistou, prestara muitos serviços a este paiz, nomeadamente no governo das Ilhas de Cabo Verde, que occupou largos annos. Ahi lhe nasceu esta filha que ella estimava com idolatria, pelos dotes de intelligencia e de energia que n'ella foi descobrindo,

pois em uma occasião de combate, sendo ella ainda muito creança, fugiu de casa, e foi para junto do pae assistir á peleja.

A educação que se lhe podia dar em tal possessão foi-lhe ministrada principalmente por seu pae, que conhecia varias linguas. D. Antonia recebeu d'elle a instrucção nas franceza, ingleza, italiana, etc.

Vivendo na opulencia, depois da morte de seu pae e de seus dois maridos, viu-se em circumstancias um tanto precarias, até que os poderes publicos lhe fizeram a justiça devida, indemnisando-a dos prejuizos recebidos, e contemplando os serviços de seu pae com uma pensão.

D. Antonia Pussich publicou um poema, intitulado *Olinda, ou a Abbadia de Cunnor Place*, em 1848, inspirada pela leitura do *Kenilworth*, de Walter Scott, um drama em tres actos *Constança*, em 1853, uma *Elegia* á morte das victimas de Mattos Lobo em 1841, e muitas poesias no vol. IV da *Revista Universal Lisbonense*, e em outros periodicos.

Fundou os periodicos litterarios *Benevolencia*, *Assembléa litteraria* e *Cruzada*, nos quaes fizeram as suas primeiras armas alguns dos litteratos que hoje enobrecem o paiz, e onde se advogou tenazmente o derramamento da instrucção publica. Estes serviços foram publica e nobremente reconhecidos pelos congressos pedagogicos que se achavam funcionando quando falleceu a illustre escriptora, lançando alguns d'elles, sendo o primeiro o de Lisboa, votos de sentimento nas actas pela sua morte, e por muitos professores que a acompanharam á sua ultima morada, pronunciando a sr.^a D. Maria José Canuto um singelo discurso á beira da sepultura da finada.

A robustez e boa construcção physica de D. Antonia Pussich fizeram com que, apesar dos contratempos e azares da vida, ella tivesse uma larga existencia, porque havendo nascido no 1.^o de outubro de 1805, falleceu a 6 de outubro ultimo, tendo completado 78 annos de idade.

Para o complemento da sua historia, veja-se a interessante *Biographia de Antonio Pussich* publicada em 1872 pela finada e o catalogo dos escriptores collocado á frente do tom. I da versào dos *Fastos* de Ovidio, por Castilho.

MOEDAS DE COBRE

DO REINADO DE D. MARIA II, QUE RETIRAM DA CIRCULAÇÃO

A pagina 208 do presente volume publicamos as moedas de cobre cunhadas durante o actual reinado e que vão ser retiradas da circulação, em consequencia da nova moeda auxiliar, de que tambem já publicámos as gravuras a pag. 192 do presente volume.

No reinado de D. Pedro V não se cunhou moeda de cobre, por isso apresentamos hoje as moedas cunhadas no reinado de D. Maria II, por ser a immediata antecessora de D. Pedro V.

As primeiras moedas de cobre cunhadas com o nome de Maria II foram feitas em Inglaterra e tem a data de 1830, e a sua circulação foi decretada pela regencia do reino, estabelecida na Ilha Terceira, em alvará de 28 de fevereiro de 1831. São de dez e de cinco réis.

As moedas de dez, e de cinco réis que tem a data de 1836 e 1837, foram mandadas cunhar na casa da moeda por portaria de 15 de setembro de 1836 e por effeito da mesma portaria se cunharam identicas moedas com a data de 1838.

As moedas de vinte, de dez e de cinco réis, cunhadas com a data de 1840, 1841 e 1840 são eguaes em dezenho ás do reinado de el-rei o sr. D. Luiz, que já publicámos a pagina 298 do presente volume, tendo a differença no nome do reinante.

A moeda de quarenta réis, conhecida pelo nome de pataco, com a data de 1833, foi cunhada na cidade do Porto durante o cerco, por deliberação do então regente D. Pedro IV.

O outro pataco que tem a mesma data, mas que difere no desenho do escudo que termina em angulo recto, emquanto aquelle termina em bicos nos angulos superiores do escudo, foi já cunhado na casa da moeda, e immediatamente á entrada do exercito liberal em Lisboa.

No Porto fabricaram-se patacos durante a revolução de 1846 a 1847, por ordem da junta do Porto eguaes em cunho aos que ficam mencionados e foram prohibidos por decreto de 16 de março de 1847 por não serem moeda legal, por quanto estas moedas tinham sido cunhadas nas officinas de João Baptista Moreira.

Terminada a lucta mandaram-se recolher e contra-marcas com as letras G. C. P. (governo civil do Porto) para terem curso legal.

OS NOVOS MINISTROS



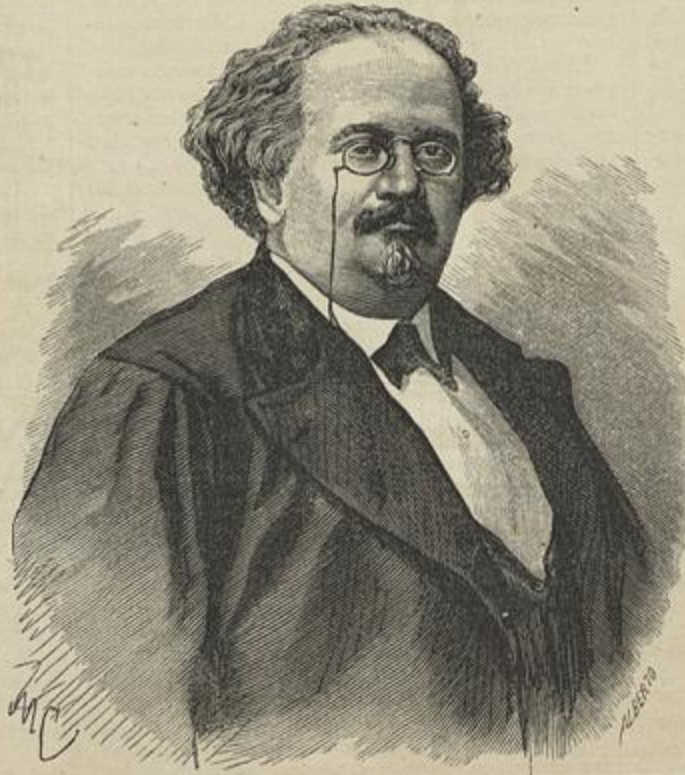
A. C. BARJONA DE FREITAS
Ministro do Reino



MANUEL PINHEIRO CHAGAS
(Ministro da Marinha e Ultramar)



LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO
(Ministro da Justiça)



ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR
(Ministro das Obras Publicas)

O Theatro da Rua dos Condes

(Continuado do n.º 171)

Todos os restantes interpretes do *Auto de Gil Vicente* se tornaram merecedores dos applausos do publico, segundo o grau do seu merito, disse-o a *Atalaia nacional dos theatros*, fallando ácerca do drama a 16 de agosto de 1838. O noticiarista admirava principalmente os progressos denunciados por Emilia das Neves. Tres dias depois acrescentava á apreciação as seguintes palavras: «A sr.ª *Carlota Talassi* comprehendeu e executou bem o seu papel de *Paula Vicente*, o sr. *Theodorico* no de *Gil Vicente* mostrou até onde chega o seu talento comico (apezar de haver escrevinhador que lhe diga que não pôde), o sr. *Lisboa* no *Pero Casfo* foi applaudido apenas pronunciou as primeiras palavras, o sr. *Ventura*... todos, todos, que escusado é cançar os nossos leitores com minuciosas enumerações.»

Esta victoria, alcançada pelos actores da Rua dos Condes, foi aproveitada como argumento a favor de Emilio Doux, pelos que defendiam o ensaiador do nosso primeiro theatro nacional, contra as aggressões do *Desenjoat.º theatral*, periodico, segundo se dizia, sustentado pela empresa do Salitre, e pelo actor Dias.

Os amigos de Emilio Doux responderam aos que pretendiam que este só gostava de pôr em scena obras francezas, repugnantes aos nossos habitos, citando-lhes o excellento acolhimento que



D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH — FALLECIDA EM 6 DE OUTUBRO DE 1883

(Segundo um retrato de Santa Barbara)

a obra da Garrett tivera da parte do empresario da Rua dos Condes.

O exito do *Auto de Gil Vicente* tornou-se tambem poderoso incitamento para que apparecessem obras originaes portuguezas.

Não nos alongaremos, porém, em considerações, a respeito da maneira porque o grandioso pensamento de Garrett foi comprehendido e continuado pelos actores das peças originaes que desde 1839 começaram a representar-se em Lisboa. Parece-nos que esta apreciação mal caberia nas simples memorias de um determinado theatro, como é realmente o trabalho que temos comprehendido. O sr. Theophilo Braga, no ultimo volume da *Historia do theatro portuguez* faz um desenvolvido estudo a semelhante respeito.

Os exemplos que se offereciam a quem pretendesse estudar praticamente, na platêa, o genero de peças, que o nosso publico preferia, eram quasi todos fornecidos pelos implantadores do *romantismo* no theatro francez.

As obras portuguezas que se representavam por aquellè tempo, na Rua dos Condes, eram o *Auto*, onde havia muito e muito que aprender; e a *Nova Castro* do elmanista João Baptista Gomes, tragedia que não resiste a uma analyse feita sob um ponto de vista moderno.

Não admira, pois, que seja a influencia franceza a que mais avulta em todas ou quasi todas as peças originaes portuguezas que se representaram na Rua dos Con-



AFRICA PORTUGUEZA — MONUMENTO A SALVADOR CORRÊA DE SÁ, NA PRAÇA DO PALACIO, EM LOANDA

(Segundo uma photographia de Moraes)

des, durante a empreza de Emilio Doux, que subsistiu por tres annos, durante a do conde de Farrobo, que abrange um praso igual, e ainda no tempo da gerencia da sociedade artistica.

Os dramas portuguezes escriptos n'esta epoca são, ou pretendem ser historicos. Não attendiam os seus auctores aos sensatos conselhos que Alexandre Herculano lhes dava, mostrando-lhes o perigo de collocar uma acção dramatica em epocas ainda mal estudadas pelo historiador.

Não obstante, houve algumas d'estas peças que tiveram verdadeiro exito: citaremos os *Dois campeões* do actual sr. conde de Villa Franca, os *Dois renegados* do sr. Mendes Leal, e o *Captivo de Fez* do sr. Abranches.

Garrett escreveu para a Rua dos Condes o drama o *Alfageme de Santarem*, que alcançou ainda maior exito que o *Auto*.

A par de Epiphania, de Dias, de Victorino e dos artistas a que já nos reportámos, appareceram no entretanto alguns talentos não menos notaveis. Na Rua dos Condes se estrejou Sargedas, celebre actor comico; João Anastacio Rosa, artista que ainda hoje vive e que foi notavel em todos os generos; Tasso, um dos mais brilhantes e inspirados actores do theatro portuguez, etc.

(Continua)

Maximiliano d'Azevedo.

SALVADOR CORREA DE SÁ BENEVIDES

Apresentando hoje aos nossos leitores, em gravura, a estatua que foi levantada em Angola a este notavel portuguez, para darmos a razão d'esta homenagem, precisamos bosquejar ainda que rapidamente, uns traços da sua biographia.

De Martim de Sá, filho do primeiro capitão-mór do Rio de Janeiro, e de D. Maria de Mendonça e Benevides, filha de D. Manoel de Benevides, governador da praça de Cadiz, nasceu em 1504 no Rio de Janeiro, Salvador Correa.

Depois de passados os primeiros annos, de que não ha memoria, entrou no serviço das armas em 1612, na juvenil idade de 18 annos, distinguindo-se logo por haver conduzido, de Pernambuco a Lisboa, um comboio de trinta navios a salvo dos piratas hollandezes.

Como se sabe os hollandezes haviam-se apoderado de alguns pontos do Brazil, firmando-se principalmente na Bahia e Pernambuco. Tratando-se em 1624 de intentar uma acção decisiva contra os hollandezes da Bahia, promoveu Salvador Correa na capitania de S. Vicente o alistamento de trezentos homens, com os quaes em duas caravellas e tres canoas partiu a reforçar a expedição, que, em 24 de novembro d'esse anno, sahira de Lisboa com aquelle destino.

Na sua derrota, aportou á capitania do Espirito Santo e emboscando-se em terra, alli alcançou uma victoria dos hollandezes que haviam ousado desembarcar. Chegando á Bahia, no meado de abril de 1625, concorreu com o seu auxilio para o exito feliz d'aquella facção, conseguindo-se a recuperação da cidade no 1.º de maio.

Em 1634 foi nomeado Salvador Corrêa, almirante do mar do Sul, recebendo ordem para ir combater os rebeldes que ameaçavam a provincia do Paraguay. Em pouco tempo desbaratou os calequis, aprisionando o seu chefe D. Pedro Chamay, que durante trinta annos resistira sempre com mão armada. Alcançando a grande victoria de Palmigarta em 1635, conseguiu a pacificação da provincia de Tucuman, contudo a victoria foi ganha á custa do seu sangue, pois não foram menos de doze as feridas de frecha, com que elle sahira da acção. Pela carta-patente de 21 de fevereiro de 1637, foi nomeado capitão-mór e governador do Rio de Janeiro, justa recompensa dos seus importantes serviços. Foi por este tempo que effectuou o seu casamento com D. Catharina de Velasco, filha do governador do Chile D. Pedro Ramires de Velasco.

Em 1640 levantaram-se grandes motins e alvotos em S. Paulo contra os jesuitas, por estes quererem dar execução á Bulla de Urbano VIII, que lhes outorgava poderes temporaes para porem em execução as leis que iam acabar com o trafico e captivo dos indigenas. Salvador Correa, conhecendo a justiça da causa, escreveu para S. Paulo excitando os revoltosos á conciliação.

Tendo chegado ao Brazil a noticia da aclamação de D. João IV, e sendo alli immediatamente proclamado, Salvador Correa quiz aproveitar habilmente esta circumstancia, convidando os paulistas a enviarem, ao Rio de Janeiro, procuradores do povo, para tratarem de uma composição com

os jesuitas. Os paulistas porém esquivaram-se a isso.

Salvador Correa entendeu então que a sua presença era alli indispensavel, e quando se resolvia a partir para S. Paulo, recebeu ordem da metropole para esse effeito, e chegando alli, apesar de alguma resistencia dos revoltosos, proclamou a conciliação, e retirou para o Rio, conseguindo que os habitantes elegeassem 48 procuradores para tratarem d'este negocio.

(Continua.)

J. B.

DEZ DIAS EM HESPAÑHA

NOTAS DE VIAGEM

(Continuado do n.º 174)

VI

A recita de gala no Real Theatro da Opera de Madrid foi uma das festas mais brilhantes, ou a mais brilhante de todas as festas com que em Madrid se celebrou a visita dos reis de Portugal.

O theatro da Opera, que fica muito perto da praça do Oriente e do palacio real, é maior que S. Carlos mas muito menos elegante e magestoso. Graças ao novo livro do sr. Benevides, a que hoje nos referimos largamente na chronica, podemos apresentar aqui as seguintes notas comparativas das dimensões dos dois theatros.

A boca da scena do theatro de S. Carlos mede 13^m,98, emquanto que a da Opera de Madrid tem 21^m,45 de largura por 20^m,23 de comprimento, e 17^m,55 de altura ao passo que a de S. Carlos tem 16^m,6 de largura, 80^m,26, de comprimento e 15^m,5 de altura.

A sala do theatro de S. Carlos comporta 1446 espectadores, e a de Madrid 1948, mais 502 que a de Lisboa.

Entretanto apesar de todos estes dados positivos, que nos mostram que a opera de Madrid é muito maior que o theatro de S. Carlos, ao entrarmos n'ella fez-nos o effeito de ser mais pequena.

Concorre decerto para esse effeito o ser a platéa toda composta de fauteuils forrados de veludo escarlate, e a falta d'uma tribuna grande e elegante como a tribuna real de S. Carlos.

A tribuna real da Opera de Madrid é na segunda ordem, e tem a altura dos outros camarotes, o que lhe dá um aspecto mesquinho e reles.

A sala é riquissima, quasi todas as frizas e camarotes de 1.ª ordem são forrados de setim escarlate capitoné: por toda a parte se vê veludo e ouro, e a sala tem o aspecto brilhante d'um luxuoso *sachet*.

Esse luxo de *fauteuils* é um pouco superficial, porque em alguns d'elles, o velludo não chega até ao chão, e veem-se os pés das cadeiras, que são de madeira ordinaria e não polida.

O palco é muito menos amplo que o de S. Carlos. É mesmo muito menos elegante que o do Theatro de D. Maria; muito atravancado, muito pouco illuminado, cheio de scenarios, de adereces, uma complicação de coisas que tornou difficil a nossa travessia para chegarmos ao camarim da prima-dona, a Theodorini, camarim que decerto devia ser dos melhores do theatro, e que ainda assim era pequeno, acanhado e nada elegante.

Não vimos na Opera nenhum salão elegante que se possa comparar com o salão d'entrada de S. Carlos, nem com o de D. Maria. Os corredores são estreitos, pobres e fariam triste figura ao pé dos corredores dos nossos theatros.

O que porém não é facil de descrever é o luxo e a riqueza que n'essa noite de gala estavam no theatro da Opera.

Como já dissemos ha dias, essa recita era gratuita. Os camarotes tinham sido offerecidos á corte, e aos altos dignitarios, as platéas distribuidas pela *élite* da sociedade madrilena.

Era imponente e brilhante o aspecto da sala. A platéa estava cheia de senhoras em *toilettes* de gala e de homens fardados, constellados de granzuzos e de commendas.

Nos camarotes a riqueza era colossal, e não se via senão avalanches de brilhantes, que cobriam quasi completamente os penteados e cahiam em *cascaes* pelos colos brancos e nus.

Caras bonitas nem por isso havia muitas, para

ser aquillo um publico de hespanholas, mas o que é verdade é que a legendaria belleza das Hespanhas ostenta-se sobretudo nas mulheres da classe media e do povo.

Os camarotes da opera eram quasi exclusivamente occupados pelas millionarias de Madrid, e via-se isso logo na quantidade inacreditavel de brilhantes e joias que enchiam a sala de scintillações multicolores.

É do supremo tom na alta aristocracia de Madrid, as duquezas, as princezas, usarem na cabeça as suas corôas em brilhantes, estofadas em veludo escarlate. Esta moda é d'um effeito muito extranho e mesmo muito ridiculo.

Não se calcula bem, sem se ver, a impressão exquisita que produz uma senhora, embora nova, formosa como a duqueza d'Alba, por exemplo, com uma corôa na cabeça, como qualquer imagem de santa ou como qualquer rei Bobeche d'opera burlesca.

Então quando a duqueza coroada é velha e feia: o que tambem vimos, esse espectáculo é d'um comico completo.

* *

Quando o rei e a rainha de Portugal entraram com os reis de Hespanha, na tribuna real, a orchestra tocou... o hymno hespanhol!

Os reis sentaram-se logo sem fazer caso do publico que ouvia o hymno de pé e voltado para o camarote real.

A pragmatica hespanhola é n'este ponto muito menos delicada e logica que a portugueza.

Um uso tambem muito ridiculo da fleugmatica hespanhola nas recitas de gala, é os alabardeiros no palco.

Mal o rei entra no camarote, apparecem no palco, collocado cada um na sua extremidade, dois alabardeiros, que se conservam immoveis, voltados para o camarote real, como duas estatuas, emquanto o rei assiste ao espectáculo.

Essa immobilidade de quadro vivo deve custar muito, por força, e por isso os alabardeiros são rendidos de quarto em quarto d'hora.

Não se pôde imaginar nada de mais comico que a assistencia d'esses alabardeiros no espectáculo, servindo de adereços de scena, collocados immoveis nas extremidades do palco. Ha só uma coisa mais comica: é o render d'essa guarda.

A opera que se cantou na noite de gala foi o *Mephistopheles* de Boito.

No meio do prologo, que como se sabe se passa no espaço, viu-se apparecer d'entre as nuvens dois alabardeiros, tomarem o logar dos que lá estavam, e que por seu turno desapareceram por entre as nuvens, á *reculons*, porque a etiqueta palaciana prohibe o voltar as costas ao rei.

* *

N'essa opera o *Mephistopheles* ouvimos cantar pela primeira vez o baixo Rapp que ha noites se estrejou em S. Carlos, no Marcello dos *Huguenottes*.

Em Madrid dizia-se muito bem d'elle, e nós se não ficamos morrendo d'amores pela sua voz, gostamos bastante d'elle, muito mais ouvindo-o no *Mephistopheles* que ha noites ouvindo-o nos *Huguenottes*.

Uma cantora que tambem foi nova para nós, foi a Theodorini. Canta bem, tem boa voz, apesar de não ser ainda uma celebridade.

É hungara, crémos. Tivemos a honra de lhe ser apresentados pelo sr. Perilan, o redactor da *Broma*, o Raphael Bordallo de Madrid.

A Theodorini é muito sympathica, o que não quer dizer que seja bonita, conversa muito bem em francez, e disse-nos que um dos seus maiores desejos de artista era o cantar e o ser applaudida em S. Carlos de Lisboa.

Nós estimaremos que o sr. Brito lhe satisfaça qualquer dia esse desejo, porque é realmente uma cantora de merito e cremos que realisada a primeira parte da sua aspiração — cantar em Lisboa, facilmente realisará a segunda — ser applaudida.

No *Mephistopheles* ouvimos mais dois cantores nossos conhecidos: a Borghi, uma contralto loura e galante, que ha pouco tempo tivemos em S. Carlos, e o tenor Massini que tem uma grande reputação e que nós conhecemos muito bem, ainda dos tempos em que elle cantou a *Força do Destino* em S. Carlos.

Não estava nas suas noites felizes, o tenor Massini, na recita de gala.

Logo ao abrir a bocca lhe falhou uma nota, o que o atrapalhou muito para toda a noite.

Alem d'isso o *Mephistopheles* não se presta muito para um tenor brilhar.

Massini tem effectivamente uma voz esplendida, como era facil de perverso quando o ouvimos em S. Carlos, mas conservou a completa ausencia de talento dramatico que já n'esse tempo se lhe notava.

A mise-en-scène do *Mefhistophiles* foi muito regular, o scenario bom, mas o desempenho da opera extraordinariamente inferior ao que teve em Lisboa pela Borghi-Mamo e pelo Nannetti.

Gervasio Lobato.

O ALTO CONGO E AS ESTAÇÕES DE STANLEY

(Continuado do n.º 174)

Por toda a parte ao longo da estrada vê-se uma grosseira imitação de linhas telegraphicas. Altos e fortes postes se levantam, estendendo-se de um a outro alguns cordões; d'elles pendem numerosos laços tendo no extremo um nó de correr. O viajante, que temos seguido, diz ter julgado a principio serem armadilhas para apanhar passaros, como as que se usam nos nossos paizes, mas, indagando, soube que este artificio era disposto para os moregos, os quaes durante o escuro veem de encontro aos laços e são assim frequentemente apanhados para serem comidos pelos naturaes, e, acrescenta elle, o que duvido é que o morego seja bom para comer.

Os insectivoros não parecem ser saborosos, e os que se sustentam sómente de fructos tem aqui um sabor muito pronunciado ao almiscar, contudo os naturaes parecem apreciar-os muito.

A região allí abunda de fetos, de tres ou quatro variedades, ao que parece, os quaes cobrem grandes tratos de terreno, porém, onde o paiz é alagadiço ou ao longo da beira das correntes, então apparece a rivalisar com elle o lycopodium das mais exquisitas e variadas formas, apresentando algumas vezes uma coloração azulada no extremo da fronde.

É curioso que os indigenas, que tem bellissimas noções elementares da classificação natural não reconhecem o feto femea, como um feto, ao passo que incluem os lycopodios n'aquella ordem, á qual na sua lingua, dão o nome generico de *Mansélélé* (plur. de *Nsélélé*).

Os leitores devem estar lembrados que no itinerario que o major João Carlos Ribeiro seguiu na sua ida para S. Salvador do Congo (ve). no presente vol. pag. 15) passou por uma povoação onde teve que pernoitar no cemiterio dos pretos o qual era denominado Mansélélé.

No meio da floresta passaram por uma casa de feitiço. Era construida de ripas, e o tecto coberto de colmo. Nas partes salientes das vigas do tecto alguns pratos e travessas de fabrico europeu estavam espetados; isto é, fazem-lhe um buraco no meio, e por fórma engenhosa os seguram ao extremo de pausinhos que sahem da cobertura do tecto.

Dentro da choça ha um apartamento circular revestido de barro, no qual estão traçados varios desenhos e figuras, por meio de pedras e contas de diversas cores n'elle incrustados. A cada lado d'este apartamento se ostentam duas estatuas de noventa centímetros proximo de altura, representando, separadamente, o elemento masculino e feminino pela maneira mais franca.

O viajante diz que comquanto os seus patricios chamassem a isto uma obscenidade, é certo que não ha allí nada intencionalmente obsceno. A grande semelhança que ellas apresentam com os homens e mulheres indigenas, e a maneira intelligente porque estão talhadas e pintadas, demonstra as poderosas faculdades d'este povo que chamam a selvagem. Aos pés d'estas estatuas ha pratos, taças, e specimens da olaria indigena. Todos estes objectos se acham de tal maneira quebrados, que não podem servir a outro qualquer uso, e assim se previne a tentação de roubar o santuario, ou, como parece mais provavel, tendo a idéa de que o prato ou louça quebrada «morre», por isso se julga mais apropriada á terra dos espiritos.

Pelo meio dia do terceiro dia de viagem chegaram ás margens do Inkissi e atravessaram a sua rapida, caudalosa e turbida corrente em canoas indigenas. Os naturaes sempre desembarcam muito mais abaixo do ponto de partida, porque a rapidez da corrente não permite resistir á sua influencia. E' aqui muito largo, mas ninguém sabe d'onde vem, ou se o seu curso é longo, tortuoso ou de pouca extensão; torna-se pois, naturalmente, inutil á navegação, o que é devido á sua furiosa corrente e muitas cataratas.

De outro lado do Inkissi os bosques são bellissimos, e a estrada vaé serpenteando por meio de

um espectáculo encantador. Aqui são pequenos regatos, onde varios penedos cobertos de verde musgo, se oppõem á corrente que n'elles embate espumando; allí soberbas arcarias formadas de arvores afestoadas de emaranhadas trepadeiras, a cuja sombra o solo humido se reveste de um magnifico tapete de fetos. Uma bella e grande povoação, a um dia de viagem além do Inkissi dá uma boa idéa da vida na Africa central.

(Continúa)

J. B.

RESENHA NOTICIOSA

CARREIRA D'AFRICA ORIENTAL. Está quasi reduzida a uma carreira platonica ou ideal. Na segunda viagem ficou dispensado o vapor de tocar em *Inhambane* e no *Ibo*, na terceira já se annuncia que tambem se dispensa o tocar em *Quilimane*, resta só Lourenço Marques, Moçambique e Chiloane, d'aqui a pouco tambem não toca n'esta ultima. A uma diminuição de obrigações deve ponderar uma diminuição de subsidio; reduziu-se este? Esperamos que não contínuem tão desgraçados exemplos de complacencia.

Quando estas linhas iam entrar no prelo soube-mos que os inglezes despeitados por se ter estabelecido esta carreira pelo sul, obrigavam os vapores, que desciam de Moçambique, a quarentena sob pretexto de uma epidemia de bexigas que affecta Inhambane, Quilimane e o Havre. Boas almas estes inglezes! Resistiram a estabelecer quarentenas para as procedencias de Bombaim e Egypto, invadidas pelo cholera-morbus, e apesar da opinião dos seus medicos ser contraria a ellas, estabeleceram-nas para os que vem de paizes onde grassam as bexigas, hoje endemicas em toda a parte! Naturalmente é com medo de ficarem feios! Que bons amigos allí temos!

CONDE DE CEA. Descendente da mais alta nobreza de Portugal, havia nascido a 18 de julho de 1823 D Antonio Manoel de Menezes, 2.º conde de Cea, sendo filho do 1.º conde do mesmo titulo, e de nome igual e da condessa D. Marianna de Miranda Corrêa. Tinha completado vinte e cinco annos quando falleceu seu pae. Achando-se senhor de uma grande casa, com pouca aptidão para a dirigir, rodeado de amigos desregrados e farejado pelas harpias dos negocios faceis e rendosos, viu sumirem-se pouco a pouco, na voragem da dissipação os seus haveres, achando-se em poucos annos reduzido quasi á indigencia. O seu bello palacete a S. Mamede foi vendido por preço insignificante. Padecimentos originados na sua vida passada e na sua miseria presente lhe haviam empanado as faculdades intellectuaes, e o levaram ao Hospital, onde o soccorreu a caridade de algumas almas elevadas. Allí falleceu no dia 23 de outubro ultimo, e foi depositado no jazigo dos marquezes de Vianna. O conde de Cea, assim como os duque de Loulé, marquezes de Vianna e de Sabugoza, condes da Atalaya, Cavalleiros, Louzã etc., era bisneto do 4.º marquez de Marialva.

CONVENTO DE THOMAR. Por portaria de 17 de outubro ultimo foi approvedo o projecto de reparações n'aquella monumento nacional, elaborado pela direcção das obras publicas de Santarem. Applaudimos o principio da conservação do monumento, mas as obras, a não serem simples reparações, nunca devem ser executadas senão com projectos feitos por architectos especiaes e por elles dirigidas, o que não ha regularmente nas direcções de obras publicas.

APERFEIÇOAMENTO PHOTOGRAPHICO. O sr. Antonio Maria Serra, um dos nossos mais habéis photographos, descobriu um preparado que torna absolutamente inalteravel o papel albuminado sensível; assim desaparecerá o inconveniente de se manchar nos banhos o papel estrangeiro, e a prova tornar-se-ha completamente inalteravel, e a photographia permanecerá por longo tempo.

O PAIZ DO CAFÉ. E' este o titulo de uma obra no genero das de Julio Verne, e que tem por fim tornar conhecida a parte do Brazil, onde principalmente se cultiva e se produz aquella deliciosa planta. E' seu auctor o sr. F. J. de Santa Anna Nery, litterato brasileiro e agente consular do Brazil, em Paris, onde reside ha alguns annos. E' escripta em francez, e a primeira parte, que está publicada, consta de quinze capitulos, intitulados por sua ordem: Partida e chegada; Rio de Janeiro e seus arredores; Atravez da litteratura; Do Rio á Barra do Pirahy; O ramo d'oiro; Na fazenda; O assucar Um trato da floresta; As pedreiras da America; Uma lição de mineralogia; Um drama brasileiro; O herval de Campo-largo; O chá do Paraná; Rio Grande; A carne sêcca. — Deve ser uma obra importante, quando estiver completa.

EMPREGO DOS REFORMADOS. Trata-se em Berlin de empregar no ministerio da guerra, sómente officiaes reformados. Se entre nós se cuidasse de aproveitar os individuos que estão incapazes de serviço activo, mas muito capazes de serviço passivo, n'aquel e serviço e nas diversas repartições de alfandegas, correios, telegraphos, de fazenda, etc., resultaria d'ahi uma grande economia para o Estado, e uma grande melhora nos serviços publicos.

CONDEMNACÃO. Foram condemnados pelo tribunal municipal de Berlin, a uma multa de trinta marcos (6600 reis proximo de cento e oito individuos da reserva do exercito allemão, por haverem viajado no estrangeiro, sem previa participação ás auctoridades militares.

AGITAÇÃO NA IRLANDA. Depois de ter sido morto Carey, o denunciante dos assassinos de lord Cavendish e de Burke, consta agora que outro seu cumplice foi morto a bordo do Pei-ho em Hong-Kong. Já se vê que a liga irlandeza não se descuida. Em Halifax foram presos dois individuos Brackon e Holmes em cujo poder se encontrou dynamite, que elles declararam ser para trabalho de minas. Os chefes do partido irlandez em New-York repellem qualquer convivencia com estes individuos; mas o fundo constituido n'esta cidade para a defeza de O'Donell, o assassino de Carey sobe já a quinze mil dollars, isto é mais de doze contos de réis.

LISBOA A CINTRA E TORRES-VEDRAS. Depois de tantos annos de esperanças irrealizadas, foi approvedo por portaria de 23 do corrente o traçado completo do caminho de ferro de Lisboa áquelles pontos, com ramal pela Merceana. Estimamos esta resolução, e é emfim tempo de terminar esta vergonha.

MARROCOS E A HESPAÑA. Segundo um telegrama de 20 do mez passado o sultão de Marrocos cedeu á Hespanha o territorio de Ifui, em vez do de Santa Cruz do Mar, que pediam os delegados hespanhoes. No paiz visinho embora a politica interna mude, não muda a externa, onde se segue um caminho invariavel. Temos apontado o que é preciso fazer a este respeito, cumprimos o nosso dever.

DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS. Sob a presidencia da sr.ª viscondessa de Bucellas, estando presente a sub-inspectora a sr.ª D. Maria Francisca Gomes d'Araujo, distribuiram-se no dia 21 de outubro ultimo os premios no Asylo de D. Pedro V, de creanças desvalidas, de que a illustre viscondessa é directora. Estiveram presentes o inspector sr. Simões Raposo que fez algumas perguntas ás creanças, administrador do concelho, presidente da camara e outros cavalheiros. Findo o acto foi servido ás creanças o jantar pelas sympathicas filhas do sr. Gomes de Araujo.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, fundada em 1875 — 4.ª serie — N.º 1 — Lisboa, Imprensa Nacional, 1883. Encerra 1.º *La question du méridien universel*, relatório do secretariado, apresentado á sociedade, para ser enviado á sociedade de geographia italiana e ao governo portuguez, satisfazendo á consulta que lhe havia sido dirigida sobre este importante assumpto, sendo a sociedade portugueza de opinião que seja preferido o meridiano de Greenwich *Da agricultura e do trabalho em Moçambique*, traducção do relatório do consul geral da Gran-Bretanha em Moçambique, e em que se trata especialmente da cultura do assucar, opio, tabaco, café, borracha, calumba, algodão e anil: *O Gabão*, onde rapida-

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: As palavras são como as cerejas vem umas atrás das outras.

mente se diz o que é e o que vale esta colonia franceza, sendo por isso naturalmente que as expedições de Brazza tem merecido a attenção e protecção do governo francez. *Moçambique e Madagascar*, informação do estado e conquista dos rios de Cuama, vulgar e verdadeiramente chamados rios do ouro, dirigida ao visor-rei João Nunes

da Cunha, pelo jesuita Manoel Barreto, a 11 de dezembro de 1667. Tem toda a oportunidade a publicação de documentos d'esta ordem, e applaudimos sempre a sua apparição. E' copia de um codice da bibliotheca nacional de Paris. *Recordações do Quinto corpo do exercito francez, manobras do outono de 1880*, pelo sr. A. Maria Celestino de

Sousa, capitão do exercito. Este trabalho parece muito arredado da indole do *Boletim*, e seria muito mais bem cabido em qualquer revista ou periodico militar; aqui, naturalmente, será lido por poucos militares que não pertençam á sociedade de geographia.

AGENCE INTERNATIONALE DE LA PRESSE, CORRES-



MOEDAS DE COBRE DO REINADO DE D. MARIA II, QUE RETIRAM DA CIRCULAÇÃO

PONDENCE J. MERLEY, *recueil diplomatique et organe des interets politiques, militaires, litteraires, financiers et commerciaux des français et spécialement de la Ville de Paris à l'étranger*. Repositorio de noticias abundantes.

REVISTA DE ESTUDOS LIVRES, *directores litterarios-scintificos, em Portugal*: doutor Theophilo Braga e Teixeira Bastos. *No Brazil*: doutores Americo

Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Roméro. *Primeiro anno, n.º 8, setembro de 1883, Lisboa, Nova Livraria internacional, 96, Rua do Arsenal, 1883*. Comprehende: *Elementos da nacionalidade portugueza (o dominio e civilização romana)* por Theophilo Braga; *O duello considerado nas suas relações com a historia e com a civilização moderna (conclusão)* por Teixeira Bastos; *Theorias da arte*

(continuação) por Julio Lourenço Pinto; *Phonetica da linguagem infantil portugueza*, por J. Leite de Vasconcellos; *Bibliographia*.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA — LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884

(3.º anno de publicação)

Este almanach é o unico, no seu genero, que se publica em Portugal. Illustrado com magnificas gravuras de monumentos e paisagens de Portugal, copias de quadros de artistas portuguezes, e retratos de notabilidades, com uma secção de necrologio do anno, illustrado com retratos.

A parte do kalendario, tabellas e todas as indicações uteis para o publico, é das mais completas.

Uma linda capa a aguarella a côres, pintada pelo distincto scenographo MANINI, e executada na Lithographia GUEDES

UM ENYGMATA A PREMIO

Preço em Lisboa, 200 réis. Pelo correio, 220 réis.

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, Rua do Loreto, entrada pela Rua das Chagas, 42, em todas as livrarias e em casa dos senhores correspondentes d'esta empreza.

ALLEGROS E ADAGIOS

POR JAYME DE SEQUIER

Um elegante volume primorosamente impresso em papel superior

500 RÉIS

Acaba de sahir a publico e está á venda em casa dos editores

CAETANO ALBERTO & FARO

8 a 20, Rua Oriental do Passeio, 8 a 20

LISBOA

Nas principaes livrarias e na

EMPREZA DO OCCIDENTE

Envia-se franco de porte.